



Órgão do Partido Operário Revolucionário – www.pormassas.org

A REVOLUÇÃO NO EGITO CORRE PERIGO

Abaixo o governo de Mubarak/Suleiman

Fora o imperialismo dos Estados Unidos e de seus aliados

Por um governo operário e camponês

O levante pela derrubada do regime de Mubarak ganha força, depois de 17 dias de enfrentamento e 300 mortos. Mas corre o perigo com a negociação entre os partidos burgueses de oposição e setores governamentais. Um acordo de transição está sendo constituído às costas da revolução democrática. Faltam somente os acertos em torno da renúncia de Mubarak.

A primeira medida nesse sentido foi a de entregar o comando do Estado ao ex-chefe da polícia secreta Omar Suleiman. A segunda, consistiu estabelecer conversações com membros da oposição que correram atrás do levante e se colocaram à frente dele para dar uma saída institucional ao confronto das massas com o regime político. A terceira, o pedido para que o exército promova a transição.

Diante do desmoronamento do governo e do avanço do levante, os Estados Unidos apresentaram a solução: uma transição negociada e pacífica para a convocação de “eleições justas e democráticas”. Isso significa preservar o regime montado nos últimos trinta anos, reformando-o e adaptando-o às novas circunstâncias da crise interna e externa do capitalismo.

Quem faria as reformas constitucionais? Um novo congresso convocado por um governo de transição montado por agentes governistas, por oposicionistas burgueses e pelos militares. Essa via conta com o consentimento dos Estados Unidos e dos seus aliados.

O caminho traçado é o de preservar a integridade do Estado burguês. A desintegração do regime político ditatorial em si, sob a ação revolucionária das massas, não resulta em destruição do Estado, mas abre caminho para as massas

avançarem. Está aí por que o imperialismo pretende pôr um ponto final no levante, antes que as massas caminhem por transformar o choque com o governo em confronto com o Estado, ou seja, com o conjunto das forças burguesas que o sustentam, entre elas a própria oposição e o exército.

Conforme se amplia o movimento das massas oprimidas, aparece com maior intensidade a contradição fundamental da revolução democrática. A insurreição popular carece de uma definição de classe e de uma direção político-programática revolucionária. A luta eclodiu sobre a base do acúmulo de problemas econômicos, sociais e políticos. Mas predominou a manifestação instintiva e espontânea dos explorados e oprimidos. A sua direção foi aos poucos sendo assumida pelas forças da oposição burguesa e pequeno-burguesa. Não há o partido proletário.

A classe operária egípcia não teve como imprimir ao levante seu conteúdo de classe e sua estratégia de poder. Isso explica por que reivindicações como a expulsão do imperialismo, independência nacional e solução do problema da terra, bem como o fim do desemprego e a miséria, não estão sendo empunhadas pelas massas.

Sob direção da oposição pró-capitalista, nacionalista e reformista, bem como pró-imperialista, a estratégia de poder para a revolução democrática resulta em sua limitação e, finalmente, em traição às massas. As tarefas de uma revolução democrática, em um país semicolonial e de economia capitalista atrasada, não se resumem em derrubar um ditador que fraudas as eleições e mantém um parlamento feudalizado. Destruir o regime autocrático constitui o ponto de partida da revolução, mas não sua chegada. Por trás da necessidade dos explorados de se livrarem do governo capitalista e pró-imperialista de Mubarak, estão as tarefas democráticas do país semicolonial e as tarefas sociais. Ou seja, a emancipação do domínio imperialista, as transformações agrárias, o fim do analfabetismo, o emprego pleno, o salário mínimo vital e o controle da economia pelos trabalhadores.

A simples troca de um regime ditatorial por outro mais o menos liberal implica a interrupção da revolução democrática e sua frustração. Esse é o perigo que corre o heróico combate dos egípcios contra a ditadura de Mubarak.

É dever revolucionário apoiar incondicionalmente a luta pela derrubada do regime. Mas é necessário rechaçar a estratégia da democratização estabelecida pelo imperialismo, por setores da burguesia egípcia e pela oposição. É necessária a defesa da tomada do poder pelas massas e constituição de um governo revolucionário, que só pode ser um governo operário e camponês. Somente um governo da classe operária que expresse a maioria nacional oprimida poderá pôr em marcha a resolução das tarefas democráticas da revolução e avançar nos objetivos das transformações socialistas.

Viva o levante das massas exploradas egípcias!